

AS ABERTURAS DE UM DISCURSO

ANÁLISE LITERÁRIA

Júlio César da Silva

Quando se fala em discurso, aponta-se, sem dúvida, para um dos mais importantes aspectos de literatura na atualidade.

Estaremos examinando um discurso dentro das possibilidades de comunicação que uma "peça oratória" ainda poderia trazer no século XX? Tal posição não deixa de ser oportuna, sobretudo depois que os estudos estruturalistas partiram para uma revisão dos conceitos da Retórica.

Não será este, porém, o nosso ponto de partida. Mas um texto de Gilberto Mendonça Teles, a partir do qual caminharemos para o exame do conceito lingüístico-semiológico do discurso. Trata-se do poema "O Discurso", publicado na primeira parte de **A Raiz da fala** (Rio, Gernasa/INL, 1972), cujo texto, revisto para nova edição, é o seguinte:

"O Discurso"

1. Havia a necessidade absurda de falar
2. para manter o equilíbrio da mesa
3. e preservar a reputação implícita
4. nos gestos.
5. Alguém chegou a reclamar a urgência
6. de um gravador para medir as vaias.
7. Outro, mais complacente, se preparava
8. para pedir bis. Um terceiro mastigou
9. ruidosamente a ponta da língua.
10. Neste momento solene... o poeta
11. burlou a vigilância das moscas,
12. deu um salto mortal no meio do discurso

13. e, ante a curiosidade geral dos convivas,
14. fabricou um cavalo de miolo de pão
15. e fugiu a galope, levando à garupa
16. a garota que estava fingindo que não.

Propomos inicialmente a divisão do texto em três movimentos, que se interpenetram na construção desse discurso sobre um discurso que se calou para que se manifestasse apenas o discurso da escrita. Temos assim:

a) **Da necessidade do discurso** (versos 1 a 4): a situação de "manter o equilíbrio da mesa" e a "reputação implícita nos gestos" impõe a "necessidade absurda de falar".

b) **Do auditório** (versos 5 a 9): sendo a idéia de "argumento" e a de "auditório" fundamentais para os estudos da antiga retórica oratória (sugerida no enunciado do poema), podemos ver neste movimento a representação das possibilidades de recepção do discurso: 1) Possibilidade de **negação** ("gravador para medir as vaias"); 2) possibilidade de **afirmação** ("... se preparava para pedir bis"); e 3) possibilidade de indiferença ("... mastigou ruidosamente a ponta da língua").

c) **Do discurso** (versos 10 a 16): temos, aí, o **início** do discurso, com a sua fórmula de aberta convencional e fossilizada ("Neste momento solene..."). Mas trata-se de um falso "início", pois, em vez do discurso oratório que se anuncia, o poeta ensaia uma fuga (... e fugiu a galope, levando à garupa/ a garota que estava fingindo que não"). Chega-se aí ao ponto fundamental do texto: a colocação das propriedades do discurso literário. É aí que o discurso oratório do enunciado não se enuncia, cala-se diante da "curiosidade geral dos convivas" para dar lugar ao **estranhamento** ("fabricou um cavalo de miolo de pão"). E aqui se fecha o poema que, falando do discurso, foi, o tempo todo, o lento tecer das propriedades de outro discurso: o da linguagem literária.

Mas voltamos ao nosso ponto de partida: o "discurso" como um conceito lingüístico-semiológico. Veja-se que a idéia-base presente neste poema pode ser assim apresentada: o discurso literário, opondo-se ao "discurso formal", caracteriza-se pela liberdade de criação, dentro, é claro, das possibilidades lingüísticas. Liberdade que, certamente, levará a muitas articulações estranhas, pois é justamente no "estranho" dessas palavras que viverá a fala do poeta, construída como transformação contínua sobre a linguagem, vista, no caso, como a "prática significante" de que fala Kristeva.

Destacamos, inicialmente, o que nos pareceu o aspecto mais interessante do texto de Gilberto Mendonça Teles. Mas o texto nos leva adiante, incita-nos a novas investigações e põe-nos a remover a questão da linguagem nas suas mais diversas situações. Começamos opondo o movimento A (versos 1 a 4) ao movimento C (versos 10 a 16), para chegarmos a uma operação do tipo:

A está para **Equilíbrio** assim como **C** está para o **Desequilíbrio**.

Vejamos porque as expressões equilíbrio e desequilíbrio na análise desse texto.

II — O DISCURSO COMO SUSTENTÁCULO DO EQUILÍBRIO

Considerando a expressão do discurso de salvação como carregada de espectos alheios ou puramente acidentais no convencional daquela situação, é bom notar que as palavras do "discurso" que se pede ("necessidade absurda de falar") atuariam menos pelo que iriam propor do que pelo que manteriam proposto. Esse texto nasceria "morto", na medida em que a sua atuação se marcaria pela passividade.

Falar é como não falar, pois não se dá um passo além do já esperado. Essa retórica, aliás, se prenderia basicamente na expressão verbal e por ela se compreenderia o efeito de igualdade do discurso. Mas não dizemos que "não falar" seja outra fala. Com isto, penetramos num terreno um tanto confuso. Por isso, é preciso misturar mesmo algumas idéias.

Mas tentemos torná-las claras: o "calar" também é uma fala e, desta vez, no texto em análise, bastante positiva, pois a "ausência do discurso" colocaria em perigo o equilíbrio da mesa. Por isso, esse discurso não é negado, é prometido contextualmente e chega a se iniciar, mas não passa da fórmula estereotipada de abertura, a partir da qual se dá o estrangulamento do discurso oratório esperado para que se leia apenas o discurso do poeta. Aí a retórica teve a sua vez: não a do orador, mas a do poeta.

Daí a idéia que enfatizamos em nossa análise, a da superficialidade do "discurso convencional" e, principalmente, a idéia de que esse discurso está habilmente a serviço do outro discurso, a que se integra. De tal modo está nele interpenetrado que a sua ausência seria a possibilidade do desequilíbrio.

III — O DISCURSO DO DESEQUILÍBRIO

Na medida em que o discurso que se pedia era um "salvador do equilíbrio", pode-se dizer sobre o "discurso literário" que sua função será "instaurar o desequilíbrio".

Não caberá à poesia "manter a reputação implícita" nisto ou naquilo, pois sua linguagem se tornará abertura para inúmeras outras possibilidades. Falemos, portanto, dessas aberturas da linguagem literária. E, para isto, propomos uma nova leitura do movimento B (versos 5 a 9), onde se coloca a representação dos diversos tipos de receptores para o discurso que estava para nascer.

Temos três tipos, que encarnam as possibilidades de afirmação, negação e indiferença em relação ao "discurso convencional". Há, contudo, no último movimento (versos 10 a 16), uma quarta personagem: "A garota que estava fingindo que não". Para esta personagem ficará aberta a linguagem da poesia, pois é na jovialidade

do seu caráter que se pode identificar o próprio espírito da arte como gratificação, como jogo, como algo que ultrapassa a normalidade do discurso comum.

Assim, o discurso literário pode ser tomado como um projeto, pois vive de questionar-se. Não pode, portanto, ser caracterizado pelo padrão cotidiano. A "garota" é um ser marcado pela identificação, ou melhor, pela transformação acentuada. E, igualmente, a poesia traz esta propriedade do jovial, do gratificante e vive do não se esgotar nos limites da linguagem comum. Daí porque a garota do poema se identifica com a própria poesia, enquanto esta se deixa ler como fuga, como jogo literário" conduzem-nos a um constante efeito de diferença em relação ao "discurso convencional", fazendo-nos trilhar o inesperado de cada rumo.

Rio de Janeiro, 21/4/75.